

Sobre o autor

Jorge Amado de Farias nasceu em 10 de agosto de 1912, em Itabuna, Bahia. Passou a infância entre sua cidade natal e Salvador. Estudou por muitos anos em escolas de regime interno. Começou a desenvolver seu lado de escritor com a criação do jornalzinho *A Luneta* e, mais tarde, *A Pátria* e *A Folha*, do grêmio estudantil.

Em 1927, ainda estudante, começa a trabalhar como repórter no *Diário da Bahia*. Em 1931, é aprovado na faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, seu primeiro romance, *O país do Carnaval*, é publicado e recebe elogios.

Envolve-se com o comunismo, como a maioria dos escritores da época, e vê seu romance seguinte, *Cacau*, ser apreendido por policiais. Por esse motivo, passa certo tempo exilado na Argentina. Entre 1936 e 1937 é preso por se opor ao Estado Novo.

O livro *Mar morto* é publicado e recebe o prêmio Graça Aranha. É preso novamente e milhares de exemplares de seus livros, tidos como revolucionários, são queimados em Salvador por ordem militar.

É solto em 1938, quando se muda para São Paulo. Seus livros começam a ser traduzidos e publicados no exterior. Após permanecer envolvido com questões de ordem política, torna-se redator das revistas *Dom Casmurro* e *Diretrizes*.

Em 1942 publica, em Buenos Aires, *A vida de Luís Carlos Prestes*, com o intuito de ajudar na anistia do comunista. Mais uma vez é preso ao desembarcar em Porto Alegre e, então, é proibido de sair das terras de Salvador. Publica o livro *Terras do sem-fim*, o qual não é censurado.

Em 1946 publica o romance sobre a seca *Seara Vermelha*. Um ano depois lança o livro *O amor de Castro Alves*.

Por muito tempo viaja pela Europa, chegando a ir à China e Mongólia e escreve *O mundo da paz*, no qual faz referências aos países socialistas visitados. De

volta ao Brasil, fixa residência no Rio de Janeiro e passa a produzir e viver da literatura modestamente.

Então, em 1958 escreve *Gabriela, Cravo e Canela*, livro que lhe rendeu várias premiações, além de ter sido adaptado para a TV. Nessa época, recebe de uma mãe de santo um dos mais altos títulos do candomblé. Um tempo depois, publica *Dona Flor e seus dois maridos*, que também aparece nas telas mais tarde.

Em 2001, é internado com crise de hiperglicemia e tem uma fibrilação cardíaca. Morre no dia 06 de agosto, em Salvador, aos 88 anos de idade.

CONHECENDO A LITERATURA BRASILEIRA

Jorge Amado



Obras

O país do Carnaval (1931);
Cacau (1933);
Suor (1934);
Jubiabá (1935);
Mar Morto (1936);
Capitães da Areia (1937);
Terras do sem-fim (1942);
São Jorge dos Ilhéus (1944);
Seara Vermelha (1946);
Os subterrâneos da liberdade (1952);
Gabriela, Cravo e Canela (1958);
Dona Flor e seus dois maridos (1967);
Tenda dos Milagres (1970);
Teresa Batista Cansada de Guerra (1973);
Tieta do agreste (1977);
Farda, fardão e camisola de dormir (1979).

O país do Carnaval

Ana Carolina Marques de Souza
Unidade Cidade Nova

Publicado em 1931, quando Jorge Amado estava com apenas 18 anos, *O país do Carnaval* é a primeira obra escrita por esse escritor, que é considerado um dos principais representantes da literatura brasileira.

A obra conta a história de Paulo Rigger, jovem que retorna ao Brasil depois de uma temporada de 7 anos na França. Relata suas desventuras amorosas com a francesa Julie, seu idealismo típico de um jovem que, assim como Jorge Amado, tinha ideias revolucionárias e era declaradamente um defensor da cultura brasileira.

Rigger é um jovem inquieto, que anseia por ver mudanças sociais e acredita que o Carnaval é uma festa que demonstra toda a força da cultura popular, mas que, em contrapartida, também se torna uma espécie de “ópio do povo”, impedindo as pessoas de enxergarem as verdadeiras mazelas e problemas sociais, tornando-os alienados.

O personagem retoma o contato com seus amigos de infância, mas não tem a mesma empatia de outros tempos com eles. Desilude-se com o comportamento de seus amigos, familiares, sua companheira e com os rumos do Brasil. Decide, melancolicamente, retornar à Europa, levando consigo um forte pesar de saber que seu país é promissor, mas ele já não tem disposição para viver na “terra do Corcovado, da multidão alucinada... Ele quisera ser bom. Ajudar a todos. Não podia. Odiava os semelhantes. Não lhes perdoava a imbecilidade”.

Trata-se de um livro de leitura leve e fluida, apresentando, de modo incipiente, alguns aspectos da escrita crítica e engajada do autor de uma das obras mais traduzidas no exterior: *Gabriela Cravo e Canela*.

Em uma das passagens que ilustra a atuali-

dade dos temas tratados (apesar de ter sido publicado há mais de 80 anos) e seu descontentamento com a classe política, temos a que segue:

“— Os deputados são todos assim?

— Todos. Uma corja. Uns ladrões... Não têm o verdadeiro patriotismo. É um venha a mim horrível. O que o Brasil precisa é de uma revolução. Fui sempre revolucionário. A revolução cortaria a cabeça a um grande número de políticos, pagaria a dívida externa e o País entraria no caminho da prosperidade.”

Um fato marcante acerca do livro é que foi considerado subversivo, sendo proibida sua distribuição durante a ditadura do Estado Novo. Contudo, foi publicado em Portugal e, posteriormente, traduzido para o espanhol, francês e italiano.

Ainda que seja um livro sem grandes surpresas ou arroubos, vale a leitura não somente por ser a obra que inicia a trajetória literária desse ícone do Modernismo no Brasil, mas também porque é o retrato de uma geração pré-Revolução de 30.

Cacau

Sthefânia Caroline Nascimento Silva
Unidade Coração Eucarístico

A história se passa na década de 1930 e relata a vida de José Cordeiro, um sergipano, nascido em família rica, que vê o seu mundo mudar ainda na infância com a morte de seu pai e a tomada de todos os bens que pertencia a ele e sua mãe, pelas mãos do seu próprio tio.

Pobre, acaba trabalhando na fábrica do tio de onde mais tarde é demitido por não se sujeitar aos mandos e desmandos. Desempregado, embarca para a Bahia para trabalhar nas lavouras de Cacau. No sul da Bahia é encaminhado à fazenda do coronel Manoel Misael de Sousa Telles, conhecido por

Mané Fragelo.

O narrador conta, em primeira pessoa, as infelicidades de uma classe oprimida. No final, traz uma mensagem de esperança, por meio do engajamento do herói no comunismo. Um livro datado e dotado de imensa força.

Livro de denúncia e esperança, anuncia o grande romancista que conquistaria os leitores do Brasil e do mundo nas décadas seguintes.

Seara Vermelha

Simone de Souza Santos
Unidade Nova Suíça

Publicado em 1946, o livro aborda um tema já conhecido de muitos brasileiros, a luta do sertanejo do Nordeste. Escrito sob a ótica ideológica do autor, que naquele momento militava politicamente a favor do comunismo.

O romance narra a saga de uma família de retirantes compulsórios, gente expulsa de terras nordestinas, que decide tentar a sorte em São Paulo. Ele parte, a pé, em direção à cidade. A viagem é um rol de aflições, de fome e de morte. Do grupo inicial de onze retirantes, apenas quatro chegam a uma fazenda de café.

Além disso, Jorge Amado descreve as trajetórias de três filhos do casal de retirantes, que tinham partido de casa antes dos pais: o soldado João, o jagunço Zé Trovoada e o cabo Juvêncio, que participa do levante comunista de Natal.

Seara Vermelha estampa a realidade brasileira com destaque para a injustiça e o desamparo sofrido pelo povo do sertão. A história dos três filhos representa a tríplice resposta que pode ser dada à crueldade dos poderosos: José vinga-se pela via do cangaço, João procura as respostas messiânicas e Juvêncio, o grande herói desse romance, reage aderindo às lutas sociais.

Simplesmente um ótimo livro!